

Pôster

**CENTRO DE MEMÓRIA DA FARMÁCIA DA UFMG: UMA EXPERIÊNCIA
INTERDISCIPLINAR**

Lucinéia Maria Bicalho - UFMG

Resumo

Este trabalho apresenta resultados parciais e considerações relativas a projeto de pesquisa envolvendo a criação e a consolidação do Centro de Memória da Farmácia (Cemefar) da UFMG, cujos objetivos principais são analisar a história e a trajetória de formação oferecida pela centenária Faculdade de Farmácia da UFMG e consolidar seu Centro como espaço de memória e locus privilegiado para a divulgação da história da área e para a compreensão de sua dinâmica. O trabalho é desenvolvido a partir de fundamentação teórico-metodológica acerca do que representam os espaços de memória, notadamente no contexto das universidades e a investigação aqui descrita, que se encontra em andamento no referido centro, baseia-se em estudos da sociologia da ciência, da história e da área da Farmácia. São utilizados documentos primários que compõem o acervo arquivístico, museológico e bibliográfico da Faculdade, visando recuperar a memória da produção do conhecimento na área da farmácia e contribuir para que os atores desta produção sintam-se inseridos neste contexto humanístico da formação de profissionais da atualidade. Como resultado preliminar, a pesquisa identifica a relação entre história, literatura e farmácia, fruto de análise documental inicial. No momento encontra-se em etapa subsequente orientada para análise de aspectos históricos e sociais que complementam a formação acadêmica do profissional da Farmácia por meio, principalmente, da análise de documentos institucionais da Faculdade de Farmácia. O trabalho aponta para a necessidade de interação entre especialistas de várias áreas do conhecimento, enxergando na interdisciplinaridade uma via eficiente para lidar com a complexidade dos problemas abordados e para alcançar os objetivos propostos.

Palavras-chaves: História da farmácia. Centro de memória. Patrimônio. Cultura. Informação.

Abstract

This work presents partial results and some considerations regarding the research project that involves the creation and consolidation of the Centro de Memória da Farmácia (Pharmacy History Museum) - Cemefar, of UFMG, whose main purposes are to analyze the history and trajectory of teaching offered by the centennial Faculty of Pharmacy/UFMG and to consolidate this Center as a space of memory and a privileged locus for the dissemination of the history of the area and for the understanding of its dynamics. This work evolves from the theoretical and methodological basis about the role of such memory spaces, notably in the context of universities and research, and the investigation here described, which is currently ongoing in that Center, is based on studies of the sociology of science, of the history and of the area of Pharmacy. Primary documents that comprise the archival collection, bibliographic and museological of the Faculty are used, with the aim to reclaim the memory of the production of knowledge in the field of Pharmacy and contribute to develop in the actors of this production a feeling of being inserted in this context of humanistic training of the professionals of today. As a preliminary result, from the initial documentary analysis, the research identifies the relationship between history, literature, and pharmacy. Currently the study is in the next step, which is aimed at the analysis of the historical and social aspects that

complement the pharmacy professional's education, through mainly the analysis of institutional documents of the Faculty of Pharmacy. The work points to the need for interaction between experts in several areas of knowledge, seeing in interdisciplinarity an efficient way to deal with the complexity of the topic, and to achieve the objectives proposed.

Keywords: History of Pharmacy. History center. Heritage. Culture. Information.

1 INTRODUÇÃO

Os Centros de Memória são organizações criadas para serem locais de preservação da memória de uma determinada comunidade. No âmbito das universidades estes espaços têm sido cada vez mais comuns e, nesse contexto, referem-se a memórias de comunidades acadêmicas caracterizadas por suas áreas de conhecimento e atuação específicas. Esses espaços costumam retratar a diversidade dos olhares, a partir de pontos de vista particulares com os quais cada área de conhecimento construiu sua cultura. A memória é ali tratada como uma forma de fortalecer e de resgatar a identidade cultural de grupos que se reconhecem em determinados fazeres ou acontecimentos que fizeram parte de sua história. Muitas vezes, esses espaços constituem-se em importantes repositórios de material arquivístico, bibliográfico e museológico que, normalmente, é disponibilizado para fruição e para realização de consultas e pesquisas acadêmico-científicas.

Da criação à gestão desses espaços, muitos aspectos devem ser observados. Como qualquer organização, todo o processo exige planejamento, gerenciamento e investimentos de modo a garantir que tenham vida longa e que se sustentem pelo reconhecimento e pela participação da comunidade local, bem como pelo apoio de instituições que possam fomentar seus projetos.

A ideia de criação de um centro de memória da faculdade de farmácia surgiu, em 2007, por ocasião da mudança da Faculdade, do centro da cidade de Belo Horizonte para o Campus da Pampulha. O que começou como uma iniciativa individual transformou-se em um projeto de pesquisa e extensão, cujos objetivos principais são analisar a história e a trajetória de formação oferecida pela Faculdade de Farmácia da UFMG e consolidar seu Centro como espaço de memória e locus privilegiado para a divulgação da história da área e para a compreensão de sua dinâmica. A farmácia é um setor fundamental da ciência brasileira que obteve da Faculdade de Farmácia da UFMG importante contribuição na pesquisa e na formação de profissionais. A implantação do Cemefar teve início, em 2009, com a definição de seu espaço físico, no primeiro andar da Faculdade, no Campus Pampulha. A inauguração da sala de exposição do acervo com peças tridimensionais, livros e folhetos, em comemoração

ao primeiro centenário da Faculdade de Farmácia, ocorreu em agosto de 2011 e marcou, efetivamente, o início das atividades do Cemefar, concomitantemente ao projeto de pesquisa.

Este trabalho é desenvolvido a partir de fundamentação teórico-metodológica acerca do que representam os principais tipos de espaços de memória, notadamente no contexto das universidades. A investigação aqui descrita encontra-se em andamento no referido Centro e baseia-se em estudos da ciência da informação, da sociologia da ciência e da história, bem como da própria Farmácia, notadamente da Farmácia Social, para recuperar a memória da produção do conhecimento da área da farmácia em um contexto humanístico de formação. São utilizados documentos primários que compõem o acervo arquivístico da Faculdade, bem como acervos museológico e bibliográfico do próprio Centro de Memória, visando recuperar a memória da produção do conhecimento na área da farmácia e contribuir para que os atores desta produção sintam-se inseridos neste contexto humanístico da formação de profissionais da atualidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A curiosidade pelo que Nora (1993) chama de “lugares de memória” é crescente, e se deve ao fato de existir uma associação a eles no nível do material (por seu conteúdo), do simbólico (por caracterizar um acontecimento ou experiência vividos) e do funcional (por garantir a lembrança e sua transmissão), simultaneamente e em diferentes graus. Esses lugares se justificam, de acordo com Menezes (1999), pela necessidade de criação de uma memória artificial que substitua uma “memória espontânea” inexistente nos dias de hoje.

Os aqui chamados espaços de memória são reconhecidos, entre outros fatores, porque estabelecem conexão com o passado, resgatando e preservando a história e a cultura de grupos que se autorreconhecem nas representações e nas organizações que criam. Podem representar um continente, uma nação, um grupo restrito ou mesmo um indivíduo, cuja memória deve ser simbolizada ou representada para garantir sua lembrança e perpetuação. As instituições destinadas à preservação de memórias lidam, portanto, com fragmentos de representações de grupos sociais, ao mesmo tempo em que representam também “fragmentos” dos sujeitos que dela fazem parte. Manipulam símbolos culturais que têm forte influência sobre a identidade e o pertencimento de determinados grupos sociais, colaborando, afinal, para a manutenção da memória destes grupos (HALL, 2005). Esses espaços, que recebem muitos nomes, remetem à mesma finalidade e têm nos conceitos de história e cultura a base de suas funções, síntese de tudo aquilo que é compreendido pela expressão “patrimônio cultural”.

Um dos espaços mais abrangentes e representativos da história, da cultura, da arte, da ciência e da memória são os *museus*. Estes são criados para cumprir diferentes objetivos, muitas vezes adjetivados em seus nomes, de acordo com sua área de atuação, como: museu histórico, museu de arte etc. No geral, estão voltados “para a preservação, a pesquisa e a comunicação de evidências materiais do homem e do seu meio ambiente, isto é, seu patrimônio cultural e natural” (FERREZ, 1994). Tradicionalmente, o museu é o lugar para guardar raridades, coisas velhas, lugar de reprodução do conhecimento para catalogar, conservar e expor peças do acervo. O museu pode ser compreendido também como o espaço da representação, por excelência, ou seja, onde há a “capacidade de estar presente em lugar de alguém ou algo” (MENESES, 2007).

Os *arquivos* constituem outro tipo de organização, cuja associação à história e à memória é recorrente, tanto no pensamento e como nas práticas, podendo ser lugares de elaboração e de conservação da memória coletiva, segundo Jardim (1995). Basicamente, são entidades que guardam documentos acumulados organicamente por uma única fonte geradora (entidade ou pessoa) no decorrer das funções desempenhadas. Os documentos, únicos, chegam a eles por passagem natural e obrigatória, e são organizados em séries, espelhando a trajetória da entidade ou pessoa que os gerou. Podem ser utilizados para fins administrativos, jurídicos, sociais, científicos e culturais (TESSITORE, 2003).

As *bibliotecas*, assim como os arquivos, têm origem em núcleos informacionais constituídos de lugares para guardar registros de informação. No sentido tradicional, uma biblioteca é um local onde se reúnem fisicamente documentos, majoritariamente livros e publicações periódicas (RIBEIRO, 2005). Segundo Tessitore (2003), a função da biblioteca é congregar documentos originados das atividades culturais e da pesquisa científica, reunidos artificialmente em torno de seu conteúdo, sob a forma de coleções. Tem finalidades educativas, científicas e culturais.

Os chamados *centros de documentação* têm sido associados, mais recentemente, à memória em seu próprio nome, passando a “centros de documentação e memória”. Segundo Camargo (1999), estes são “um tipo específico de unidade institucional, voltada para a geração de informações e para a organização de fontes para a pesquisa”, muito comum ao ambiente universitário (CAMARGO, 1999, p. 49). Inicialmente, de acordo com Lima (2009) os centros de documentação surgiram com a função de dar apoio às pesquisas através da organização de bibliografias e outros materiais de referência, tendo, posteriormente, passado também a fazer análise de conteúdo de documentos, chegando a acumular as funções de guarda de documentos arquivísticos, bibliográficos e até museológicos, principalmente em

universidades e instituições para-acadêmicas. É um órgão colecionador e/ou referenciador, cuja finalidade é o oferecimento da informação cultural, científica ou social especializada, da qual realiza o processamento técnico, segundo a natureza do material que custodia. Cumpre também as funções de preservação documental e apoio à pesquisa, no mais amplo sentido (TESSITORE, 2003).

Os *Centros de Memória* surgiram, no Brasil, em virtude da preocupação com a preservação documental e com a organização das informações em instituições públicas e privadas, no início nos anos de 1960, com a presença de pesquisadores estrangeiros que observaram a falta de organização e tratamento dado à memória recente, segundo Fontanelli (2005).

As amplas funções desempenhadas pelos Centros de Memória assemelham-se às dos centros de documentação, que, segundo Tessitore (2003), são apresentados como uma entidade híbrida que mescla biblioteca, arquivo e museu sem se identificar com um destes, especificamente. Ambas as entidades acumulam documentos em diferentes suportes e se preocupam com a organização das informações para geração de novos conhecimentos e preservação da memória, entretanto, de acordo com Fontanelli (2005), os documentos do centro de memória são relativos, especificamente, à história da instituição, por meio dos quais será possível reconstituir sua memória. O trabalho com a memória, neste caso, pretende

propiciar um novo olhar, internamente, sobre a trajetória da instituição e sobre sua relação com o entorno, com o bairro, com a cidade; e, a partir desse novo olhar, sensibilizar sua comunidade interna e mostrar que ela também é responsável pela instituição, e não apenas personagem coadjuvante de alguns capítulos de sua história (FONTANELLI, 2005, p. 85).

De acordo com Fontanelli (2005) e Bicalho (2011), observa-se a existência de pouca literatura especializada sobre centros de memória no Brasil. Assim sendo, sua missão e suas responsabilidades não são facilmente compreendidas. Não há, ainda, uma metodologia própria de trabalho definida, nem tampouco uma conceituação devidamente desenvolvida e sistematizada. Existem apenas relatos sobre experiências de projetos para a criação de alguns ou trabalhos que enfatizam a importância da organização e da disponibilização da memória institucional (FONTANELLI, 2005).

Uma distinção entre centros de memória e de documentação está no fato de que os itens do acervo do primeiro têm origem na própria área ou instituição que representam. Atualmente, parece haver uma preferência pela utilização do termo Centro de Memória, conforme aponta Bicalho (2009), quando se refere a instituições que podem ser vistas, também, como centros de documentação, por indicar, terminologicamente, caráter mais

dinâmico e abrangente relacionado ao conceito atualizado de memória social, que vai além do suporte físico em papel.

3 A IMPLANTAÇÃO E A PESQUISA DO CEMEFAR/UFMG

O espaço do Cemefar/UFMG caracteriza-se por uma pequena área arejada e iluminada, que detém um armário de grandes dimensões, em madeira, para exposição das peças museais, alguns suportes baixos e mesas de trabalho. Esse mobiliário busca retratar o ambiente físico de antigas farmácias, conforme descrito pelo historiador Flávio Edler:

No final do século XIX, as farmácias ainda mantinham boa parte do instrumental tecnológico herdado das óticas. Na sala da frente, prateleiras repletas de frascos de louça, brancos ou negros, de tamanho uniforme e inscrições douradas a fogo, onde eram guardadas as substâncias postas à venda. Nas dependências dos fundos, vedadas aos clientes, boiões, frascos de vidro e grandes potes de louça ou de barro encerravam o material sólido ou em pó. Lá também ficavam os instrumentos: almofariz para maceração, cortador de raízes, tachos de bronze e coadores diversos; utensílios fundamentais para o preparo das receitas solicitadas pelos médicos ou muitas vezes indicadas pelos próprios farmacêuticos (REZENDE, 2013, apud EDLER, 2006, p. 94).

Atualmente, o acervo museal segue basicamente duas linhas temáticas. A primeira remete ao ofício do farmacêutico, com instrumentos para diagnóstico, produção e administração de medicamentos (como medidores de pressão e termômetros, capsuleiros e piluleiros, seringas e comprimidos). A segunda linha remete ao campo de pesquisa institucionalizada, composta por aparelhos eletrônicos – microscópios, espectrofotômetro e polarímetros. Há ainda peças que se encaixam nas duas linhas, de acordo com o uso e a época em que foram utilizadas, como as vidrarias de manipulação e acondicionamento de insumos para elaboração de medicamentos, potes farmacêuticos de porcelana, alambique, bicos de bulsen, aparelho para extração de princípios ativos de plantas, balanças etc.

O acervo bibliográfico é composto de 231 exemplares de livros que incluem algumas obras com edições esgotadas e obras produzidas no Brasil e no Exterior no século XIX e início do século XX. Entre essas obras conta com um raro exemplar do *Sertum Palmarum Brasiliensium*, de 1903. O exemplar foi doado pela filha do próprio autor João Barbosa Rodrigues, à Faculdade de Farmácia da UFMG.

Por fim, o acervo histórico-documental está sob guarda da Faculdade em lugar adequado e organizado em fundos, por especialistas da área arquivologia.

O Cemefar conta com uma equipe direta de quatro pessoas: um coordenador, um bolsista de pós-doutorado e dois bolsistas de extensão, e com apoio consultivo de professores dos cursos de História, Museologia e Farmácia, além de um bibliotecário. A bolsa de pós-

doutorado é resultado de projeto encaminhado ao Programa Nacional de Pós-Doutorado Institucional (PNPD), da CAPES, aprovado em outubro de 2011.

4 REDIRECIONAMENTOS E PERSPECTIVAS DO CEMEFAR

As diretrizes que nortearam o projeto inicial do Centro de Memória da Farmácia ainda se mantêm atuais: preservar a memória do ofício e delinear a história do desenvolvimento dos saberes e práticas farmacêuticas no Brasil. O grande desafio, no momento, é dinamizar seu espaço, promovendo atividades que o tornem, além de espaço expositivo, também um espaço de trocas, de pesquisa e de ensino, extensivo à comunidade.

Para isso tornou-se, também, fundamental, dar maior atenção à administração do espaço e à organização da informação sobre o acervo. Observou-se que a elaboração de um Plano Diretor para o Centro tornou-se indispensável por incorporar os três princípios básicos do planejamento eficiente: visão clara dos objetivos, estabelecimento de metas e de estratégias para o êxito das propostas (DAVIES, 2001), além de cumprir com determinação do IBRAM. (Lei N° 11.904, de 14/05/2009¹), auxiliando na explicitação e sistematização de seu funcionamento.

Concomitantemente, a organização da informação será buscada por meio da catalogação e indexação do acervo bibliográfico na base de dados da instituição e da documentação do acervo que compõe a reserva técnica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aponta para o fato de que a efetiva implementação do Centro como um espaço de pesquisa e de preservação da história da Farmácia, requer estudos e práticas de interação entre especialistas de várias áreas, de maneira a criar um ambiente dinâmico e sempre atento a novas abordagens e concepções que surgem nas áreas envolvidas. A interdisciplinaridade, tema de muitos estudos na área da Ciência da Informação, prevê a articulação de conhecimentos e métodos de várias áreas do conhecimento. Isso significa, no âmbito da consolidação do Cemefar, que ao lado da história e da farmácia devem estar presentes também as áreas de ciência da informação, museologia, arquivologia, biblioteconomia e sociologia, além de conhecimentos de caráter mais aplicado, ligados às áreas de tecnologia e conservação de objetos, por exemplo.

¹ Disponível em: <http://www.museus.gov.br/legislacao/lei-11-904-de-14-de-janeiro-de-2009/>. Acesso em 27/07/2013.

A pesquisa de pós-doutorado, em desenvolvimento no Cemefar, apresentou resultado preliminar, fruto de análise documental inicial, identificando a relação entre Farmácia, Literatura e História (REZENDE, 2013). No momento encontra-se em etapa subsequente orientada para análise de aspectos históricos e sociais que complementam a formação acadêmica do profissional da Farmácia por meio, principalmente, da análise de documentos e material audiovisual institucionais da Faculdade de Farmácia, com o objetivo de recuperar e publicar a história e a memória da instituição, dando novo significado ao papel da área como um todo e da Faculdade de Farmácia da UFMG, em particular, na formação de profissionais e da sociedade em geral. A interdisciplinaridade é indicada como via eficiente para lidar com a complexidade dos problemas abordados e para alcançar os objetivos propostos.

É importante citar que as ações do Cemefar têm sido utilizadas como projeto piloto da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, da qual faz parte, com o propósito de propor metodologias, procedimentos e modelos que contribuam para a gestão e organização da informação pelos demais espaços de memória da UFMG.

REFERÊNCIAS

- BICALHO, Lucinéia Maria. **Centros de Memória em Espaços Acadêmicos**. 2011. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão do Patrimônio Histórico e Cultural) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2011.
- CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes (org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999. p. 49-63.
- EDLER, Flávio Coelho. **Boticas & farmacias**. Uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: **Estudos Museológicos**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. p. 64-74.
- FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de memória e ciência da informação: uma interação necessária**. 2005. 105f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Fontanelli-Memoria.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciê.n.Info.**, v. 25, n. 2, 1995, p. 1-13.

LIMA, Suely Torres de Melo dos Santos. **Projeto de criação do Centro de Memória do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada**: uma história de competência, paixão e perseverança. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2009.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Os museus na era do virtual. In: BITTENCOURT, José Neves; GRANATO, Marcus; BENCHETRIT, Sarah Fassa. **Museus, ciência e tecnologia**. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007. p. 49-70.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, v.10, dez. 1993. p. 7-28.

REZENDE, Irene Nogueira de. Literatura, História e Farmácia: um diálogo possível. Manuscrito. Submetido a publicação em **História, Ciência e Saúde**. 2013.

RIBEIRO, Fernanda. Gestão da Informação / Preservação da Memória na era pós-custodial: um equilíbrio precário? In: JORGE, Vítor Oliveira (org.). **Conservar para quê?** Porto/PT:Universidade do Porto / Faculdade de Letras, 2005. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/39365/2/fribeirogestao000112993.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2011.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003 (Projeto Como Fazer, 09).